

REDE DE TEATROS MUNICIPAIS - ACTO 5

A RAINHA LOUCA

Ópera e libreto de **Alexandre DELGADO**
A partir de **O tempo feminino** de Miguel ROVISCO
Encenação de **Joaquim BENITE**

Com:

Ana Ester NEVES

Maria Luísa de FREITAS

Ana Paula RUSSO

Teresa Cardoso MENEZES



fotografia © Rui Carlos Mateus

TEATRO MUNICIPAL DE ALMADA

Av. Prof. Egas Moniz - Almada | Telf.: 21 2739360 | www.ctalmada.pt | geral@ctalmada.pt

Os pesadelos e alucinações de D. Maria I

Dona Maria I (1734-1816) é a personagem central de *A rainha louca*, ópera em dois actos estreada no CCB em 2011, durante o Festival de Almada, e que agora é reposta na Sala Principal do TMA. Baseada na peça *O tempo feminino*, de Miguel Rovisco, a ópera de Alexandre Delgado com encenação de Joaquim Benite conta a história da primeira Rainha de Portugal, que ficou conhecida pelos cognomes de A Piedosa ou a A Pia, devido à sua extrema devoção religiosa. No Brasil, é conhecida pelo cognome de Dona Maria, a Louca, devido à doença mental que se manifestou com veemência nos últimos 24 anos de vida.

Na sua conturbada vida, D. Maria I viveu o horror da destruição provocada pelo terramoto que abalou a capital em 1755; viu o seu pai, D. José I, sofrer um atentado; assistiu à execução de alguns nobres que foram acusados de conspiração; e combateu aquele que fora o homem de confiança do seu pai, o Marquês de Pombal, mas que acabou por conseguir fazer julgar e afastar do poder. Em pouco mais de dois anos, viu morrer o marido, D. Pedro III, o filho primogénito e herdeiro da coroa, a sua filha e o genro espanhol, e o seu confessor: Frei Inácio de São Caetano. Estes acontecimentos, aliados aos tempos conturbados que se viviam na Europa, marcaram de forma dramática a vida de D. Maria I e foram-lhe roubando a paz de espírito e a sanidade. Em 1792, considerada incapaz de governar por sofrer de doença mental, vê-se afastada do poder, dando lugar ao seu filho, D. João VI. Com ele embarca para o Brasil sob a ameaça das invasões francesas. É em terras de Vera Cruz que morre, em 1816.

Em *A rainha louca*, é mostrado como D. Maria procura fugir à dura realidade da época em que viveu e evadir-se para um mundo de sonho e beleza, tendo por companhia Henriqueta, uma jovem gélida que lhe serve de dama de companhia, e Rosa, uma criada negra que simboliza a ausência de pecado. O elenco da mais recente criação de Alexandre Delgado é composto por Ana Ester Neves, Ana Paula Russo, Teresa Cardoso Menezes e Maria Luísa de Freitas.



Ana Ester Neves alcança uma interpretação louvada pela crítica.



Ana Paula Russo, Teresa Cardoso Menezes e Maria Luísa de Freitas completam um elenco de luxo.



O espectáculo termina com uma inesperada dança erótica.

RECORTES DE IMPRENSA

“Um excelente trabalho das cantoras”

Pedro Boléo, in *Público*

“A encenação de Joaquim Benite primou pela simplicidade e elegância”

Jorge Calado, in *Expresso*

“A qualidade da Orchestrutópica confirma o seu bom nome”

Helena Simões, in *Jornal de Letras*

“Cantoras excelentes, e uma orquestra renovada”

Jelena Novak, in *New Music Review Lounge* (Inglaterra)

Sons dum século XVIII imaginário

Entre ecos da **Revolução Francesa** e da derrocada do Antigo Regime, D. Maria I é a Rainha Louca, uma rainha enclausurada num mundo de demência e evasão. Cómica, trágica e comovente, essa rainha “que deixou de o ser” foi encarnada de forma inesquecível por Fernanda Alves no Teatro Nacional D. Maria II, em 1987. A peça de Miguel Rovisco baseia-se em dados históricos que contrariam dois séculos de ideias feitas da historiografia antimonárquica: responsável pela criação da Academia das Ciências e da Biblioteca Nacional, promotora da primeira expedição científica à Amazónia, da renovação do Ensino e da Marinha, D. Maria (1734-1816) era culta e sensível, dada à música e às artes; reinar é que não estava na sua natureza. A sua loucura, que a afastou definitivamente do cargo em 1792, teve várias origens prováveis: padres fanáticos convenceram-na de que o seu pai ardia no inferno, por culpa do Marquês de Pombal e da perseguição aos jesuítas. À perda do marido somou-se a morte do seu primogénito aos 27 anos, de varíola: os padres teriam proibido que fosse inoculada a vacina que estava a ser experimentada na época, “*por ser contra a vontade de Deus*”. A prisão de Maria Antonieta e a ideia de que a própria França, luz do Velho Continente, podia decapitar a sua rainha, terá sido a gota de água.

D. Maria quer evadir-se para um mundo “*longe desta miséria*”, um mundo de sonho e beleza simbolizado pela Basílica da Estrela, essa marca que ousou deixar numa cidade “*que não (lhe) pertence, cheia de cães, malfeitores e lixo*». A seu lado tem a jovem Henriqueta, gélida e azeda dama de companhia, que traduz a reação desumanizada contra a sociedade; o confronto entre as duas mulheres preenche todo o 1.º acto, que termina com a rainha a dançar o minueto “*como outrora, com o (seu) amado esposo*”. Outra presença é Rosa, a criada negra cujo modelo histórico era uma anã acarinhada pela rainha, que representa o bom selvagem, o ser das origens para quem o conceito de pecado não existe; a fofa, “*uma dança obscena, lá das vossas áfrias*”, será o seu modo de evasão no fim da ópera. O 2.º ato concretiza as alucinações de D. Maria: no seu aniversário, é visitada por três damas que traçam um retrato hilariante e persistente da realidade histórica portuguesa, entrecortado por desabafos e recordações da Rainha. Harpa, cravo e marimba simbolizam respetivamente D. Maria, Henriqueta e Rosa, numa orquestra que inclui quinteto de sopros e quinteto de cordas. Segunda parte de uma Trilogia da Loucura começada em 1994 com *O Doido e a Morte*, esta ópera visita os fantasmas da mente humana com sons dum século XVII imaginário.

Alexandre Delgado



Compositor e violetista, **Alexandre Delgado** (n. 1965) foi aluno em composição de Joly Braga Santos e de Jacques Charpentier. Vencedor do Prémio Jovens Músicos em 1987, estreou como solista o seu *Concerto para Violeta* em Portugal, Espanha e Holanda. Prolífico compositor, o seu génio musical tem abraçado diferentes géneros. A sua ópera de câmara *O doido e a morte* foi estreada no Teatro de São Carlos e no Theater Am Halleschen Ufer em Berlim, sob sua direcção. É membro do Quarteto Lacerda e do Moscow Piano Quartet e director artístico do Festival de Música de Alcobaça desde 2002. Assina o programa *A Propósito da Música*, na Antena 2, e é autor ou co-autor de vários livros, entre os quais *Luís de Freitas Branco*, primeira obra de fundo dedicada àquele importante compositor.

Sexta, 27 de Abril às 21h30
Domingo, 29 de Abril às 16h00
Quarta, 2 de Maio às 21h30

SALA PRINCIPAL | M12



Informações e Reservas: Miguel Martins: 96 496 00 05

TEATRO
MUNICIPAL
DE ALMADA
DIRECÇÃO DE JOAQUIM BENITE